

O JOELHO DA FREIRA

Decididamente, não gosto do carnaval. Quando muito, assisto pela televisão, alguns desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, cidade outrora maravilhosa. Lamentavelmente a antiga capital se transformou num antro de violência, crimes, tráficos de drogas e corrupção. Vista de longe é muito bonita, principalmente o mar, as praias, os morros e o sambódromo, onde imperam as cores, a música, as danças. Todavia, nem pensar em assistir a festa mais famosa do país e talvez do mundo.

Lá, nas noites de Momo, muitos homens transmudam-se em pederastas e inúmeras mulheres agem como prostitutas. Até um Presidente tornou-se ridículo, entrando na onda da insensatez. A rigor, o carnaval é constituído por atrevimento, falta de respeito, embriaguez, suor cansaço e libertinagem. Parece que muita gente boa deixa aflorar o que o ser humano tem de pior em seu íntimo. Não sou puritano, ao contrário, sempre primei pelo liberalismo e tolerância. No entanto, é tanta nudez, tanto requebro imitando os atos sexuais, que a beleza das cores, do ritmo, da dança, fica maculada. Certas posturas, focalizadas pelas chamadas câmaras "ginecológicas" que "pegam" os foliões por baixo, chegam a causar tristeza e

repulsa. Há uma confusão entre o belo e o torpe, entre a graça e a decadência, entre a alegria e a licenciosidade.

Os participantes, como também sói acontecer em alguns setores da sociedade hodierna, cometem um erro palmar: a banalização dos atributos físicos. É sabido, desde os ensinamentos seculares dos mais famosos gregos, que a nudez total é acintosa. A beleza mesma requer alguma veste, que deixe entrever sem expor, que insinue sem agredir a visão. Até as mais poderosas emissoras de televisão pecam pelo excesso. Ainda que fugazmente, na apresentação de u'a mulata linda (globeleza) o video expõe aos olhos das famílias dos adolescentes, das crianças os pelos pubianos da moça praticamente nua.

Ao ver tais exageros, recordo dos ensinamentos do filósofo ilustre Gabriel Tarde, fundador da Psicologia Social. Dizia o mestre: "A REPETIÇÃO DE UMA EMOÇÃO FAZ COM QUE ELA PERCA A INTENSIDADE".

Trocando em miúdos: Numa guerra, no primeiro combate, um soldado vê seu companheiro ser metralhado ou despedaçado, pela explosão de uma granada. Sangue, dor, gritos e pavor que antecedem o momento da morte, causam o susto, o horror, a perplexidade do observador, que não pode nem dormir e nem alimentar-se. A emoção é tão grande que o sobrevivente quase enlouquece. Mas, nos dias subseqüentes,

as cenas se repetem, com outros feridos, dores e medos, mais sangue e desgraças. Pela repetição, a emoção vai perdendo a intensidade, a tal ponto que depois de alguns dias, é natural ser ferido, ser estraçalhado, morrer. O que ficou vivo (e para assim continuar) pega seu lanche e, brutalizado, o come ao lado do defunto.

O mesmo ocorre com todas as emoções. É que elas se banalizaram. Não mais despertam interesse. O mesmo acontece com a nudez, com os requebros, com a libertinagem. Ai, as pessoas derivam para o álcool, para o éter (lança-perfume), para a maconha, cocaína, heroína, ácido lisérgico, à procura de emoções mais fortes, mais intensas. E na esteira vêm os vícios, a devassidão, o crime, a falência moral. E não há mais alegria, nem prazer. Só vício e miséria, levando para o derradeiro encontro, a Aids, que não comporta nem retorno e nem cura e aumenta em progressão geométrica: 1, 2, 4, 8, 16, 32... milhões, bilhões e que pode levar ao fim da espécie humana.

Enquanto escrevia esta crônica amarga, resolvi deter-me, pois fiquei com medo pelos meus descendentes. Forcei o pensamento, desviando minhas idéias, para fato mais sadio e

alegre. Finalmente, já de madrugada, consegui escapar da tragédia, da preocupação pelo futuro.

Cinquenta anos atrás, fui à cidade de Cafelândia visitar dois tios muito queridos (Gumerindo e Alice), em cuja casa me sentia bem. De lá, meu tio e eu fomos pescar no salto do Avandava, perto de Penápolis, pois sempre amei as matas, os rios, os grandes espaços abertos, os bichos, os peixes. Hoje não mais existe o salto famoso, pois a barragem cobriu tudo, inclusive a beleza, já que os homens têm fome de energia elétrica.

No Avandava existia um canal notável pela abundância de peixes e maravilhas naturais. O rio passava estrangulado no canal do Mandi, com as águas fervilhantes batendo nas pedras. Nos barrancos ficavam centenas de pescadores, disputando um lugar para lançar suas linhas e colher a fartura de Deus. Acontece que as águas angustiadas no canal estreito, borriavam e molhavam os pescadores. Os homens tiravam as camisas e arregaçava as calças, enquanto as mulheres sungavam as saias para minorar o banho involuntário.

Ao meu lado, pescando também, estava uma freirinha jovem e bonita, de uns 25 anos, com os olhos curiosos e cândidos. Nunca vi figura mais pura e nem mais recatada. No entanto, as águas foram lufando e batendo nas pedras e todos

ficaram molhados, com pérolas nos cabelos e no rosto. Às tantas, sem malícia e sem despudor, a religiosa arrebanhou suas muitas saias e pude entrever, ainda que fugazmente (pois ela prontamente se recompôs) seu joelho esquerdo. Foi uma visão rapidíssima, mas nem por isso menos deslumbrante. Meu coração bateu forte, minha respiração se amiudou. Não pude mais pescar, pois a emoção foi intensa. À noite, já em Cafelândia, o sono tardou muito, pois não me saía da mente o branco joelho da freira... como aliás, até hoje, meio século depois, ainda persiste a linda visão na minha memória, como símbolo do desejo e valor das coisas difíceis e raras, que se gravou indelevelmente com um cheiro de pecado.